

“Não é hora para aventuras”: análise de um editorial sob o viés do Sistema de Avaliatividade em seus subsistemas de Atitude e Engajamento

“It’s not time for adventures”: an editorial analysis based on the Appraisal Theory and its subsystems Attitude and Engagement

Hercules Santos da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

herculesilva394@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4112-7425>

Mara Regina de Almeida Griffio

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

marargriffio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2303-5268>

RESUMO

Neste artigo empreendemos uma análise do texto *Não é hora para aventuras*, publicado no dia 22/11/20, no jornal *O Estado de São Paulo*, com base no Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005). O objetivo deste trabalho é apresentar como os momentos avaliativos atitudinais (Afeto, Julgamento e Apreciação) e os recursos do Engajamento (Monoglossia e Heteroglossia) lidam com a fonte das atitudes e com o jogo de vozes em torno de opiniões no discurso editorial. Para isso, foram mapeadas as escolhas avaliativas explícitas e implícitas realizadas pelo editorialista. Em seguida, marcamos as ocorrências classificando-as de acordo com os subsistemas de Atitude e de Engajamento. Notamos a expressão do posicionamento do editorialista em favor da candidatura de Bruno Covas, ao lançar mão de escolhas lexicais explicitamente negativas para se referir a Guilherme Boulos.

Palavras-chave: Sistema de Avaliatividade; Atitude; Engajamento; Avaliação.

ABSTRACT

This article aims to undertake an analysis of the text *Não é hora para aventuras*, published on 11/22/20, in the newspaper *O Estado de São Paulo*, based on the Appraisal Theory (Martin; White, 2005). The goal of this study is to present how the attitudinal evaluative moments (Affect, Judgement and Appreciation) and the Engagement resources (Monoglossia and Heteroglossia) deal with the source of attitudes and with the game of voices around opinions in the discourse of the editorial. To do so, we mapped the explicit and implicit evaluative choices made by the editorialist. Then, we outlined the

occurrences, classifying them according to Attitude and Engagement. We observed how the editorialist positions himself in favor of the candidacy of Bruno Covas by using explicitly negative lexical choices to refer to Guilherme Boulos.

Keywords: Appraisal Theory; Attitude; Engagement; Evaluation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente trabalho, trazemos para reflexão o texto do editorial *Não é hora para aventuras*, publicado no dia 22/11/20, no jornal *O Estado de São Paulo*. O texto foi veiculado um domingo antes da eleição do segundo turno para prefeito em 2020, na cidade de São Paulo, na qual disputavam Guilherme Boulos e sua vice Luiza Erundina, e Bruno Covas e seu vice Ricardo Nunes.

Nossa opção pelo gênero textual editorial se justifica pelo fato de apresentar nos estágios e fases do gênero argumentativo avaliação por parte do editorialista, na defesa dos interesses do veículo de comunicação e nas estratégias de engajar o leitor ao declarado apoio à candidatura de reeleição do prefeito Bruno Covas em São Paulo, em 2020. Convém considerar as informações¹ do perfil de leitores do *Estadão*, que é composto de 50% das classes A e B, dos quais 27% têm ensino superior. O jornal ainda estima que 1,8 milhões de seus leitores confiam em seus jornalistas e editores para se informar e tomar suas decisões de negócios e consumo, conforme dados do site do jornal.

Temos como objetivo neste artigo empreender uma análise das escolhas avaliativas realizadas no editorial com base no Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005) em seu subsistema de Atitude — Afeto, Julgamento e Apreciação e do Engajamento — Monoglossia e Heteroglossia. Para tanto, mapeamos as escolhas léxico-gramaticais do editorialista, começando pelas avaliações explícitas e, posteriormente, as implícitas. Também, buscamos identificar as maneiras pelas quais o editorialista constrói solidariedade (Oteíza, 2017) com o leitor em relação aos candidatos à prefeitura de São Paulo no segundo turno das eleições. Dando prosseguimento, classificamos as incidências de Atitude no eixo das opiniões e as de Engajamento no eixo das negociações, assim como interpretamos as avaliações realizadas pelo editorialista ao longo do texto ao

¹ <http://patrocinados.estadao.com.br/medialab/about-me/>.

convidar o leitor a compartilhar suas opiniões e posições de valor em relação aos dois candidatos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste artigo, como ferramental de análise textual, faremos uso do Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005. Vian Jr., 2009. Nóbrega, 2009), integrante do arcabouço teórico, metodológico e analítico da Linguística Sistêmico-Funcional — LSF — (Halliday; Matthiessen, 2014). O Sistema de Avaliatividade se encontra na interface entre a semântica do discurso e a léxico-gramática e nos possibilita analisar aspectos de avaliação presentes no texto do editorial, o qual foi produzido em um contexto sócio-histórico-cultural específico. Ele nos permite analisar aspectos de avaliação presentes no texto. Tais aspectos foram produzidos na esfera social, baseado em crenças e em valores do autor do texto que representa, no caso do editorial, os interesses do veículo jornalístico, que são possivelmente compartilhados com seus leitores.

O Sistema de Avaliatividade é dividido em três subsistemas inter-relacionados. São eles: a Atitude, o Engajamento e a Gradação. De forma sucinta, a Atitude lida com os sentimentos e reações emocionais, enquanto o Engajamento enfoca as vozes em relação a opiniões. Já a Gradação busca situar os fenômenos de acordo com a intensidade em que ocorrem no texto (Martin; White, 2005). Por uma questão de recorte, para emprendermos nossa análise, faremos uso dos subsistemas da Atitude e do Engajamento.

A Atitude encontra-se no eixo das opiniões e engloba avaliações positivas ou negativas e explícitas ou implícitas nos campos do Afeto, do Julgamento e da Apreciação. O Afeto lida com os recursos léxico-gramaticais usados para a construção discursiva das emoções e relaciona-se com a expressão de in/felicidade, de in/segurança e de in/satisfação, indicando o comportamento emocional em relação às pessoas, às coisas ou aos acontecimentos (Martin; White, 2005). Conforme Martin (2001, p. 147), o Afeto interliga os subsistemas do Julgamento e da Apreciação e “pode talvez ser tomado como o sistema básico”, o que é compartilhado por Nóbrega (2009) e Vian Jr. *et al.* (2010).

O Julgamento volta-se para os elementos avaliativos referentes ao comportamento humano e depende da posição ideológica do avaliador por estar relacionado à moralidade, legalidade, capacidade, normalidade de acordo com a cultura, as experiências individuais

e coletivas, as crenças, as suposições e as expectativas de que avalia. O Julgamento se divide em estima social e sanção social (Martin; White, 2005). A primeira diz respeito às avaliações de (des)prestígio e (des)crédito social, ou seja, julgamentos de normalidade (o quão a/normal, in/comum alguém é), de capacidade (o quão in/competente, in/capaz alguém é) e de tenacidade (o quão im/persistente alguém é). A categoria sanção social se refere a aspectos de veracidade (o quão des/honesto alguém é) e de propriedade (o quão ético/não ético alguém é).

A Apreciação, terceiro campo semântico do subsistema de Atitude, serve para “construir avaliações dos produtos do trabalho humano, tais como artefatos, edificações, obras de arte, e também de fenômenos naturais e estados de coisas” (White, 2004, p. 191). É organizada em três variáveis: reação, composição e valor. A primeira está relacionada ao impacto emocional provocado na pessoa, melhor compreendido pelas perguntas: “o quão isto chama minha atenção?” ou “isto me agrada?” A segunda, se refere à percepção da proporcionalidade e dos detalhes, entendida com as perguntas: “isto articula-se entre si?” ou “é difícil entender/acompanhar?” A terceira está ligada a nossa avaliação do significado social, com as perguntas: “vale(u) a pena?”, “é vantajoso?”.

O subsistema do Engajamento diz respeito às vozes do discurso e ao meio pelo qual assumimos posicionamentos nos textos em relação aos nossos interlocutores. Desse modo, este subsistema está ligado às nossas atitudes e avaliações, “bem como com a articulação das vozes para expressão de opiniões no discurso” (Vian Jr., 2010, p. 33).

Para Bakhtin (1997), estamos constantemente participando de um diálogo, isto é, estamos inevitavelmente interagindo com o outro, constituindo esse outro e sendo por ele constituídos. Para o pensador, o dialogismo é o princípio básico da existência humana. Em suas investigações, Bakhtin destaca a polifonia, já que todo texto resulta do encontro de várias vozes, pelo fato de apresentar um caráter dialógico.

Porém, o dialogismo não deve ser confundido com polifonia. O termo *polifonia* indica um fenômeno em que num mesmo texto se fazem ouvir “vozes” que *falam de perspectivas* ou pontos de vista diferentes com as quais o locutor se identifica ou não (Koch, 2018, p. 63). Há, por conseguinte, gêneros dialógicos monofônicos e gêneros dialógicos polifônicos.

Há uma conexão entre do “Círculo de Bakhtin” e teoria da Avaliatividade que compreende o Subsistema de Engajamento, oferecida por Martin e White (2005), de

modo a compreender como o escritor/falante tenta “alinhar” ou “desalinhar” seu posicionamento em relação a outras vozes e posições para expressão de opiniões no discurso.

Segundo Vian Jr. *et al* (2010), o posicionamento dialógico pode ser expandido, ou contraído, compreendendo, assim, os dois valores possíveis: contração dialógica ou expansão dialógica. Ao fazer uso dos recursos da contração, o escritor/falante assume uma posição em desacordo ou em rejeição a uma posição contrária; já os recursos da expansão permitem que ao escritor/falante que a proposição contida em sua voz seja apenas uma das diferentes possibilidades de posições que pode assumir, abrindo posicionamentos alternativos de aceitação ou rejeição.

Os recursos de contração refutam ou ratificam as vozes externas. Ao refutar, “negam” ou “contrariam a expectativa” de posições ou proposições alternativas; podem também, ao ratificar, “confirmar a expectativa”, “pronunciar” ou “endossar” uma proposição particular, maximizando sua validade ou garantia em comparação com alternativas. Os recursos de expansão dialógica geralmente indicam que as proposições são fundamentadas na subjetividade da voz externa por “acolhimento” ou “atribuição”, sendo, portanto, uma entre várias alternativas reais ou possíveis, de acolhimento por “probabilidade” ou “evidência”; além disso, podem sinalizar que uma determinada proposição pertence ou está associado a alguma fonte externa atribuída por “reconhecimento” ou “distanciamento”.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Orientamo-nos pelo paradigma qualitativo e interpretativo de pesquisa (Denzin; Lincoln, 2006) por entendê-lo como uma modalidade de investigação localizada sócio-historicamente em um determinado contexto. Tal forma de pesquisar envolve a compreensão de que a neutralidade não existe, o que nos leva ao reconhecimento de que o analista observa e faz escolhas baseado em suas próprias interpretações e maneiras de perceber o mundo a sua volta. Desse modo, nosso olhar de analistas depende do lugar institucional que ocupamos.

Situamos este artigo no campo da Linguística Aplicada Crítica (Moita Lopes *et al*, 2006) que entende o sujeito como fluido, heterogêneo e fragmentado e que aponta para

a necessidade de se fazer pesquisas de relevância social. Sua visão de linguagem como prática social se alinha com a perspectiva sociossemiótica da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014).

Após a escolha do editorial que compõe o *corpus* deste estudo, mapeamos as marcas avaliativas no texto, identificando as avaliações explícitas ou implícitas, positivas ou negativas. Em seguida, classificamos as avaliações com base no ferramental teórico-analítico do Sistema de Avaliatividade (Martin, White, 2005) nos campos semânticos do Afeto, do Julgamento e da Apreciação do subsistema da Atitude, assim como as ocorrências de Engajamento, reconhecendo o detalhamento no subsistema: monoglossia e heteroglossia.

Realizamos uma análise do texto completo, parágrafo por parágrafo, divididos em uma tabela com duas colunas. A primeira contém a numeração correspondente ao parágrafo e a segunda, o texto com as indicações entre colchetes, divididas por letras e apontando as classificações heteroglóssicas da Contração ou da Expansão dialógica. As classificações atitudinais encontram-se no texto de análise que será assim apresentado nos nove parágrafos: primeiro uma análise do Subsistema da Atitude, seguida de um comentário baseado no Subsistema do Engajamento e, por fim, um parecer que chamamos de Perspectiva Dialógica, amparados por Martin e White (2005, p. 93) e Vian Jr. *et al* (2011, p. 40), em que indicamos de onde/quem partem e para onde/quem se dirigem as vozes avaliam e quais são avaliadas.

Nossas análises foram realizadas manualmente na totalidade do texto, parágrafo por parágrafo, buscando as ocorrências de Atitude e seus subsistemas para identificar as avaliações no eixo das opiniões. Na sequência, as ocorrências de Engajamento, reconhecendo o detalhamento (registrado no texto por meio das respectivas nomenclaturas seguidas de dois pontos) no subsistema — Monoglossia e Heteroglossia —, bem como as subcategorias deste último, Contração dialógica ou Expansão dialógica. A investigação se dá em complexos oracionais, nos parágrafos ou entre parágrafos, pois, segundo Ninin e Bárbara (2013, p. 130), não é possível conhecer o envolvimento do autor no Engajamento em uma análise isolada em orações, já que é no conjunto delas — isto é, enquanto durar o tema na trama textual — que se pode discutir a heteroglossia ou a monoglossia do texto.

ANÁLISE

Propomos, ao iniciar a análise, uma reflexão sobre o título: *Não é hora para aventuras*. Trata-se de uma construção semelhante ao um dito popular “não é hora para brincadeiras”, usado para zombar ou fazer um gracejo. Com a escolha deste título, o editorialista chama atenção do seu leitor para o fato de que eleger Guilherme Boulos pode oferecer risco para a cidade de São Paulo. Portanto, o autor avalia como uma aventura ousada ou até mesmo perigosa votar em Boulos.

Encontramos o espaço dialógico fechado por uma contração: refutação: negação rejeitando uma proposição positiva dentro do contexto em que se encontrava a cidade de São Paulo, saindo de uma pandemia e enfrentando consequências externas advindas da crise mundial.

Do ponto de vista da perspectiva dialógica, a voz externa inserida no título vem da editoria do jornal como uma estratégia calculada para se antecipar às ideias ou reações que o leitor fará em conexão com o que será dito no editorial. Há uma projeção de crenças direcionadas para o destinatário, já que seus leitores têm a expectativa de que o editorialista está agindo na defesa dos seus interesses por estar alinhado a eles. Segundo Martin e White, (2005, p. 121), a solidariedade neste tipo de construção estará em risco para qualquer destinatário real que não aceite a posição do Estadão.

Quadro 1: primeiro parágrafo do editorial

1	[(a) Monoglossia] A eleição paulistana do próximo domingo terá, de um lado, o prefeito Bruno Covas, candidato à recondução, testado nas mais difíceis condições possíveis – uma pandemia e uma severa crise econômica –, e, de outro, Guilherme Boulos, um postulante ainda [(b) contração: refutação: negação] inexperiente na administração pública e que, ademais, [(c) contração: ratificação: endosso] representa um partido de esquerda que em seu programa [(d) expansão: atribuição: distanciamento] propõe uma mudança imprudente de modelo econômico. [(e) Monoglossia] Sendo assim, recomendamos o voto no prefeito Bruno Covas.
---	---

Fonte: os autores, 2023

O parágrafo (1) apresenta ao leitor o posicionamento explícito do editorialista quando avalia Guilherme Boulos como "postulante inexperiente", o que interpretamos como um Julgamento de estima social de incapacidade. Em relação ao partido político ao qual Boulos é filiado, a avaliação recai sobre o programa de seu partido em (1d), indicando um Julgamento explícito de sanção social no âmbito da propriedade/ética, ao

passo que as avaliações de Bruno Covas são positivas com destaque para sua experiência como prefeito durante a pandemia.

Com relação ao Engajamento em (1), o jornal assumiu de forma monoglóssica a responsabilidade pela voz autoral ao indicar Covas à recondução ao cargo (1a). Na continuidade do parágrafo, abre espaço dialógico para a interação com um leitor putativo não alinhado com o autor a fim de contra argumentar a uma possível ideia de que deveria ser dada a Boulos uma oportunidade, em 1(b). Nesse momento, em sua relação dialógica com o leitor, o editorialista se alinha a ele reconhecendo a voz externa (Boulos é de esquerda) em 1(c) para depois se distanciar ao máximo da voz externa em 1(d), “alertando” seus leitores sobre o que consta do programa do PSOL no que se refere à economia para levar o leitor a concluir que o melhor para os consumidores do jornal é reeleger Covas, assumindo o autor novamente a responsabilidade pela indicação do voto em Covas (1e).

O editorialista inicia o parágrafo contextualizando o assunto do texto de forma monoglóssica. A voz externa presente em (1b) avalia negativamente e tem sua origem no conhecimento compartilhado de que o candidato ainda não se elegera até então a cargos públicos. Em (1c), o autor pressupõe que o leitor compartilha o conhecimento trazido pela voz externa portadora de avaliação negativa em relação a partidos de esquerda e sua agenda. O que pode ser confirmado na sequência por outra voz em (1d) que faz alusão ao que consta do programa do partido de Boulos, abordando e avaliando negativamente algo que mexeria no modelo econômico em vigor e que é apoiado por uma fração da sociedade consumidora do jornal.

A partir do segundo parágrafo, o editorialista passa a argumentar a defesa da recomendação de seu voto, cuja tônica nos demais parágrafos terá por base a estrutura apresentada no primeiro: de um lado, a alegação de que Covas tem sido bem-sucedido em sua administração — que atravessou uma pandemia — e do outro, na inexperiência do candidato Boulos — de esquerda.

Quadro 2: segundo parágrafo do editorial

2	<p>[(a) contração: ratificação: confirmação de expectativa: concessão em (c)] Não se trata apenas de entender [(b) contração; ratificação: endosso] que o melhor para a cidade de São Paulo é a continuidade da atual administração. [(c)] O momento absolutamente delicado que vive nossa metrópole, bem como o resto do País, [(d) contração: ratificação: endosso] demanda um prefeito com alguma experiência e com os pés no chão.</p>
---	---

Fonte: os autores, 2023

O editorialista defende explicitamente em (2) seu apoio à reeleição de Bruno Covas em “o melhor para a cidade de São Paulo”. Há, implicitamente, um Julgamento negativo de estima social no campo da incapacidade em relação a Guilherme Boulos. Mesmo sem citar seu nome, o avalia como inexperiente em contraste à experiência de Covas como prefeito. Ao se referir a Covas como aquele que tem os “pés no chão”, leva o leitor a entender que Boulos é um sonhador, que vive de fantasias, não sendo capaz de viver a realidade.

A análise dos recursos de Engajamento demonstra que há uma abertura do espaço para interação com o leitor em (2a), alinhando-se a ele ao concordar com o ponto de vista e crenças do senso comum em (2b) — (como algo do tipo “em time que está ganhando...”) — para excluí-lo com a concessiva que terá mais peso, em uma construção semelhante a “Não se trata apenas de entender X, [mas sim que] o momento absolutamente delicado...”. Dando continuidade ao excerto, o autor fecha o espaço dialógico ao assumir que a resposta do público coincidirá com a sua, que defende a administração de Covas.

Sob a ótica dialógica, a voz externa em (2a), oriunda dos interesses do veículo de comunicação, é direcionada a um grupo de consumidores do jornal como uma alternativa esperada, atendendo às suas expectativas, partindo do senso comum e da naturalização da percepção de que se um administrador público está sendo bem avaliado (2c) — levando-se em conta ainda o enfrentamento de uma pandemia —, não há, portanto, necessidade de mudança (2d).

Quadro 3: terceiro parágrafo do editorial

3	[(a) contração: ratificação: endosso] O tucano Bruno Covas mostrou essas qualidades, o que se reflete [(b1) contração: ratificação: confirmação de expectativa: concessão] não somente nas pesquisas de intenção de voto que o colocam na liderança, [(b2)] mas principalmente no fato de que venceu em todas as regiões da cidade no primeiro turno. Além disso, [(c) contração: ratificação: endosso] seu governo vem há meses sendo bem avaliado pelos moradores da cidade, o que já [(d) contração: refutação: negação] não seria fácil em uma conjuntura normal, em se tratando da administração de uma das maiores e mais complexas cidades do mundo; no contexto de uma pandemia, [(e) contração: ratificação: endosso] ressalte-se, trata-se de uma façanha a ser devidamente reconhecida.
---	--

Fonte: os autores, 2023

No parágrafo (3) no eixo das opiniões — Atitude —, o editorialista realiza uma avaliação explícita do comportamento de Covas de forma positiva em um Julgamento de estima social no campo da capacidade, levando em conta a liderança do Covas no

primeiro turno, sua gestão como prefeito e mais uma vez apelando para o contexto da pandemia.

A editoria do jornal inicia (3) mantendo o espaço dialógico fechado, ao dar continuidade ao que consta no parágrafo anterior, pois ainda perdurava o tema (Ninin; Bárbara, 2013), que é retomado por meio do elemento coesivo “essas qualidades”, para valorizar a informação de que Covas fora vencedor no primeiro turno em todas as regiões da cidade, conforme pode ser constatado em (3a) e (3b1). Nesse sentido, com o espaço ainda fechado, se utiliza da estratégia da confirmação de expectativa por concessão, em (3b1) e (3b2), que prevalecerá como informação com maior “peso”. Assume o autor em (3c) que a opinião dos leitores coincidirá com a sua em relação à avaliação feita pela população de São Paulo a respeito da administração Covas. Sendo assim, o espaço dialógico fechado é mantido e conduz possíveis leitores desalinhados a rejeitar a voz citada em (3d). Por isso, é levado em consideração dois fatores em sua argumentação: a complexidade da metrópole e os efeitos da pandemia. Como estratégia final ao concluir o parágrafo, a voz autoral (e confiável para seus leitores) apresenta uma proposição (3e) em que considera que os leitores compartilham da mesma opinião, mantendo o espaço dialógico fechado.

Sob o ponto de vista dialógico em (3), ainda sobre Covas, o editorialista apresenta uma proposição como inegável em (3a), oriunda da construção de uma realidade concebida para beneficiar o candidato da situação, sequenciada em (3b1) e (3b2) com recursos que indiretamente levam os leitores à ideia positiva, atendendo às expectativas dos leitores. Em (3c), há novamente a exclusão de qualquer alternativa diferente da fonte externa, que é procedente da editoria do jornal referente à boa avaliação do governo Covas. Para lembrar aos leitores de sua capacidade administrativa durante a pandemia em (3d) e, novamente e como voz autoral confiável, se alinha ao leitor em reação às qualidades do candidato do jornal em (3e).

Quadro 4: quarto parágrafo do editorial

4	<p>[(a) contração: ratificação: pronunciamento] É preciso igualmente reconhecer que o desafiante de Bruno Covas, Guilherme Boulos, do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), mostrou-se amadurecido. [(b) contração: refutação: negação] Deixou de lado o figurino de agitador que marcou sua carreira como líder dos sem-teto de São Paulo para [(c) monoglossia] agregar apoio a seu projeto político, o que foi suficiente para se viabilizar como um candidato de esquerda competitivo numa cidade que desde as eleições de 2016 [(d) expansão atribuição: distanciamento] repudia fortemente o PT e tudo o que o lulopetismo representa.</p>
---	---

Fonte: os autores, 2023

No parágrafo (4), o editorialista lança mão de vários recursos linguísticos para se referir a Boulos — “desafiante”, “líder dos sem-teto”, “candidato de esquerda competitivo”, que deixa “de lado o figurino de agitador”. Entendemos que os termos empregados colocam Boulos em uma posição negativa comparando as palavras usadas para mencionar Covas no texto — “tucano”, “prefeito”, “candidato à recondução”. Tal fato nos mostra as avaliações explícitas realizadas pelo editorialista em relação ao comportamento de Boulos e de Covas, sendo que quando se refere a Boulos realiza Julgamentos negativos de estima social de incapacidade, de incompetência e de desprestígio social.

Para contra-argumentar e engajar seu leitor, o editorialista mantém o espaço dialógico fechado e leva os leitores desalinhados a reconhecer o amadurecimento de Boulos em (4a); rejeita a alcunha dada a ele de “líder agitador” em (4b), e assume de forma monoglóssica a responsabilidade por definir Boulos como um candidato de esquerda competitivo em (4c). Abre espaço para uma voz externa (a “voz” das urnas) da qual se isenta da tarefa de preterir os partidos de esquerda, associando indevidamente o PT e o lulopetismo ao PSOL e a Boulos em (4d).

No entendimento dialógico em (4), tendo agora Boulos como objeto, o autor se vale de uma voz externa de terceiros em (4a) oriunda de uma construção de realidade atual para o candidato adversário. Para corroborar sua posição, a editoria do jornal mantém fechado o espaço dialógico em (4b) ao trazer à mente do leitor o fato positivo, que será rejeitado, a saber: Boulos usava um figurino simples e era possível a alguns associá-lo a uma pessoa agitadora, por ser líder dos sem-teto. Em (4c), o jornal, por meio de sua voz editorial, se responsabiliza por considerar tal mudança uma estratégia de marketing para as pretensões políticas de Boulos. Por fim, em (4d), o editorialista abre o espaço dialógico e introduz uma voz externa interpretada como sendo um “recado” do resultado das “eleições de 2016”, da qual se distancia para não se comprometer.

Quadro 5: quinto parágrafo do editorial

5	[(a) contração: ratificação: confirmação de expectativa] Guilherme Boulos certamente será, assim, um nome forte da esquerda em disputas futuras, despontando como líder de uma reorganização dos partidos que até há pouco orbitavam o PT e Lula da Silva. No final das contas, esse [(b) expansão: entretenimento: probabilidade] deve ser seu papel na eleição do domingo que vem.
---	--

Fonte: os autores, 2023

No parágrafo (5) o editorialista afirma o potencial de Boulos para futuras eleições. Um tópico a ser destacado no trecho anterior é o repúdio de São Paulo à esquerda e com isso, o editorialista prepara o leitor para sua opinião sobre Boulos como líder da esquerda. Nesse sentido, sua avaliação negativa é dirigida ao Lula e ao Partido dos Trabalhadores. O autor defende a reeleição de Covas como uma possibilidade para aqueles que são contra Lula e também contra o então presidente Bolsonaro. Nesse sentido, entendemos que o editorialista avalia explicitamente e de forma positiva o candidato Covas ao desvincular sua candidatura do PT e do ex-presidente da república.

Com os recursos do Engajamento e após ter deixado mais clara a posição política de Boulos, o editorialista mantém o tópico do parágrafo anterior em que analisava a trajetória política do adversário para apresentar uma formulação em (5a) que está de acordo com a voz externa, de conhecimento geral, de que Boulos seria o sucessor natural do líder da esquerda brasileira, Lula da Silva — estávamos em 2020, e o ex-presidente Lula encontrava-se preso. Em seguida, o autor expande o espaço dialógico e acolhe a voz externa como sendo uma possibilidade e deixa a cargo do leitor fazer de Boulos apenas um representante da esquerda, em (5b), nas disputas eleitorais.

Do ponto de vista dialógico em (5), a voz externa advém da então realidade criada no jogo político de 2020, quando da prisão de Lula em (5a) e deixar a cargo dos eleitores trazer como alternativa o papel de Boulos como o candidato forte da esquerda na eleição municipal, ao abrir o espaço dialógico em (5b).

Quadro 6: sexto parágrafo do editorial

6	Coisa bem diferente, [(a) contração: refutação: contraexpectativa] contudo, é pretender governar a cidade de São Paulo – [(c) expansão: acolhimento: evidência] em que uma persistente infestação de pernilongos é sem dúvida o menor dos problemas – [(b) contração: refutação: negação] sem ter qualquer experiência política e administrativa. Sua juventude – tem apenas 38 anos – [(d) contração: refutação: negação] não está em questão, pois o próprio Bruno Covas tem somente 40 anos. O problema é imaginar [(e) expansão: acolhimento: probabilidade] que São Paulo possa ser gerenciada somente na base do entusiasmado ativismo dos movimentos sociais e, principalmente, sob influência de um programa revolucionário.
---	--

Fonte: os autores, 2023

Neste trecho, o editorialista traz para o texto um problema apontado por Boulos em seu *Twitter* de 15/9/2020 — “A infestação de pernilongos em São Paulo” em que critica a administração de Covas. Dessa forma, o editorial tenta minimizar a questão dos mosquitos para mostrar para o seu leitor que administrar uma cidade é mais que isso.

Nesse viés, ele utiliza a situação para avaliar Boulos em um Julgamento explícito de estima social no âmbito da incapacidade. Um item de destaque é a referência à idade dos candidatos, o que não é considerado negativo, uma vez que os dois têm quase a mesma idade. Desse modo, a falta de experiência que ele tenta construir não pode ser pautada na idade de Boulos. Então, ele leva o leitor a temer uma futura administração de Boulos quando o associa ao movimento social, fazendo uma referência implícita ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto — MTST. Em seguida, prepara o leitor para o próximo parágrafo, avaliando o programa de Boulos, que a seu ver, é revolucionário.

Com relação ao Engajamento, após apresentar Boulos como o (futuro) nome forte da esquerda e de acolher esta posição no resultado da eleição, o editorialista se antecipa ao leitor para rejeitar um possível argumento de que o candidato (já avaliado negativamente até este trecho do texto) possa ter a pretensão de administrar São Paulo, em (6a) e (6b). Ademais, introduz uma voz externa por evidência (6c), para comprovar sua suposta inexperiência com base em uma postagem de Boulos no *Twitter* criticando uma infestação de pernilongos na cidade. Ao descartar a questão idade em (6d), o editorialista abre espaço dialógico, mantendo-se neutro, para que o leitor participe da construção de sentido por meio de sua imaginação em (6e), tendo a imagem de Boulos já contaminada com o que foi dito (e não dito) sobre ele até o momento.

Do entendimento da perspectiva dialógica em (6), o editorialista inicia sua posição fechando o espaço dialógico para a voz externa originária do senso comum do discurso de que um candidato de esquerda não teria experiência, estratégia que levará o leitor a uma expectativa a ser rejeitada em (6b). É interessante observar que no meio dessa voz a ser rejeitada, o autor abre o espaço dialógico em (6c) para acolher outra voz autoral como evidência do possível despreparo de Boulos e, dessa forma, não expressar explicitamente seu posicionamento em relação à alegada inexperiência de Boulos. O editorialista se antecipa a uma possível contra-argumentação dos apoiadores de Boulos em relação à juventude do adversário, fechando o espaço dialógico em (6d), mas abrindo-o, na sequência, em (6e) para outras vozes carregadas de avaliações negativas provenientes da normalização de conceitos relacionados a líderes de movimentos sociais e aos programas dos partidos de esquerda, deixando a cargos dos leitores a criação de um cenário de São Paulo sendo gerenciada por pessoas ligadas aos movimentos sociais e a programas tidos como “revolucionários”.

Quadro 7: sétimo parágrafo do editorial

7	<p>[(a) expansão: acolhimento: probabilidade] A não ser que resolva abjurar a defesa apaixonada que o PSOL faz da “superação da ordem capitalista” e da construção de uma “sociedade radicalmente diferente”, [(b) expansão: acolhimento: reconhecimento] como se lê em seu programa oficial, [(c) expansão: acolhimento: probabilidade] é lícito imaginar que um eventual governo de Guilherme Boulos se entregaria a aventuras estatistas e fiscalmente irresponsáveis cujos resultados desastrosos já são bastante conhecidos. [(d) expansão: atribuição: distanciamento] A promessa de tarifa zero para estudantes no transporte público, que está na plataforma do sr. Boulos, [(e) monoglóssico] é só um aperitivo dessa forma inconsequente de ver o mundo.</p>
---	---

Fonte: os autores, 2023

No parágrafo (7), o editorialista se refere ao programa oficial do PSOL² com a intenção de mostrar ao seu leitor que a filiação de Boulos ao partido pode oferecer perigos à sociedade, segundo sua própria opinião. Este recurso é usado para construir solidariedade com o leitor (Martin; White, 2005; Balocco, 2010), compartilhando informações externas para embasar a questão.

O editorialista, mais uma vez, seleciona do programa do PSOL somente trechos que podem ser interpretados pelo leitor de diversas maneiras, como “sociedade radicalmente diferente”. Desse modo, percebemos a atuação no imaginário de seu leitor, caso ele não tenha conhecimento do programa do partido ao qual Boulos é filiado. Quando afirma (7c), o editorialista se posiciona avaliando explícita e negativamente um possível governo de Boulos. Suas escolhas lexicais indicam um Julgamento de estima social de incapacidade de assumir a prefeitura da cidade.

Ainda neste parágrafo, o editorialista apresenta duas avaliações negativas: a primeira sobre uma das promessas de Boulos, a qual denominada metaforicamente de “aperitivo”, incluindo ainda a expressão “forma inconsequente de ver o mundo”; e a outra ao se referir a ele como “sr. Boulos”, marcando seu distanciamento pessoal. Será que acreditar que estudantes deveriam/poderiam usar transporte público sem pagar é de fato uma “forma inconsequente de ver o mundo”? Talvez para alguns no Brasil.

Como estratégia de Engajamento, o autor se antecipa a um possível contra-argumento de seu leitor putativo de que Covas certamente iniciara na política sem experiência. Abre-se, então, um espaço dialógico para levar o leitor a considerar uma gama de possibilidades em (7a), introduzindo disfarçadamente trechos do programa de partido de Boulos. O critério escolhido pelo autor foi o de abrir o espaço dialógico e

² <http://psol50.org.br/partido/programa/>

acolher vozes externas como possíveis e, no encadeamento, o de manter o espaço aberto para reconhecer explicitamente o lugar da voz autoral em (7b). Mais uma vez o autor faz uso do leitor como participante da construção de sentido em (7c) imaginando como seria um possível governo de Boulos. Ao finalizar o parágrafo (7), o autor mantém o espaço dialógico aberto e se distancia da voz externa em (7d), pois seu conteúdo é de responsabilidade da plataforma do partido e fecha o parágrafo de forma monoglóssica em (7e).

Do ponto de vista dialógico em (7), ocorre em quase todo o sétimo parágrafo uma abertura do espaço dialógico para inserir a voz textual oriunda do programa de seu partido político, identificando a fonte, além de levar o leitor a conjecturar uma possível administração de Boulos em uma perspectiva entremeada de referências avaliadas negativamente as quais um partido de esquerda defende integralmente em seus programas. Trata-se de vozes direcionadas a eleitores que conscientes ou manipuladamente não desejam a alteração hegemônica.

Quadro 8: oitavo parágrafo do editorial

8	Em condições corriqueiras, tal projeto político já [(a) expansão: acolhimento: probabilidade] seria temerário; diante da crise monumental que vivemos, é tudo de que São Paulo [(b) contração: refutação: negação] não precisa. O atual prefeito, por sua vez, [(c) contração: ratificação: endosso] vem demonstrando compromisso com a moderação e a responsabilidade fiscal, de que uma significativa reforma administrativa aprovada em julho é um bom exemplo, [(d) contração: refutação: negação] sem deixar de lado o grave problema da profunda desigualdade social na cidade.
---	---

Fonte: os autores, 2023

No parágrafo (8), o autor faz ainda referência ao projeto político de Boulos e lança mão do adjetivo “temerário”, explicitando uma avaliação negativa no campo da Avaliação na variável reação (isso me agrada?). Novamente o editorialista se posiciona explicitamente contra a eleição do candidato Boulos ao afirmar que “é tudo de que São Paulo não precisa”, buscando o alinhamento de seu leitor. Em relação a Bruno Covas, suas escolhas avaliativas se encontram no campo semântico positivo e enaltecem o trabalho desempenhado pelo então prefeito, o que é materializado em (8c) e (8d). Nesse sentido, ao avaliar o comportamento de Covas, o editorialista realiza um Julgamento de estima social positivo de capacidade.

Como recurso para Engajamento, o editorialista mantém o espaço dialógico aberto para que o leitor continue imaginando como seria um governo de Boulos, agora tendo

como cenário a crise da pandemia, trazendo em (8a) uma voz externa como uma dentre outras possibilidades. Fecha, em seguida, o espaço para rejeitar a ideia de imaginar São Paulo sob o “tal projeto político” em (8b). O espaço é mantido fechado e o autor pressupõe que seus leitores compartilham de sua opinião expressa por meio de uma voz externa em (8c) endossando positivamente a administração de Covas e finaliza o excerto refutando um possível contra-argumento de que a parte social da cidade poderia ter sido deixada de lado, em (8d).

Na perspectiva dialógica em (8), o editorialista mantém a sequência temática do parágrafo anterior (Ninin; Bárbara, 2013) sobre Boulos, abrindo o espaço dialógico em que identifica a voz externa como o “tal projeto político” mencionado anteriormente e que está no imaginário de certos grupos da sociedade, o que leva o leitor a imaginar uma administração de Boulos sob “tais” condições. Fecha o espaço na continuidade do texto para expressar em nome de São Paulo a rejeição a essa possibilidade. Para contrabalançar, o autor se direciona em (8c) a possíveis leitores desalinhados apresentando a voz autoral como altamente confiável.

Quadro 9: nono parágrafo do editorial

9	Além disso, Bruno Covas, [(a) contração: refutação: contraexpectativa] a despeito de seu drama pessoal – ele trata de um câncer –, exibiu notável firmeza na condução da cidade diante da pandemia, [(b) expansão: acolhimento: reconhecimento] em sintonia com as recomendações de especialistas e [(c) contração: refutação: negação] alheio à gritaria do presidente Jair Bolsonaro contra as medidas de prevenção. [(d) contração: ratificação: confirmação de expectativa] Na contabilidade de erros e acertos Bruno Covas deixa um balanço razoavelmente positivo – mais uma razão pela qual [(e) expansão: acolhimento: probabilidade] deve ser reconduzido ao cargo.
---	--

Fonte: os autores, 2023

Até mesmo o estado de saúde grave de Covas é suavizado pelo editorialista e avaliado como um “drama pessoal”, o que nos leva a entender que não deveria afetar a escolha de seus eleitores. Contudo, a superficialidade com que trata a doença não nos parece compatível com a gravidade, uma vez que a probabilidade de afastamentos do trabalho para dar continuidade aos tratamentos médicos seria bem grande. Infelizmente, sabemos que Covas se licenciou da prefeitura no dia 2 de maio do ano seguinte e veio a falecer no dia 16 de maio de 2021. Assim, o que o editorialista considerou um “drama pessoal” pode ser entendido como coletivo já que Covas foi reeleito no segundo turno com 59,38% dos votos.

Pela terceira vez, a pandemia é mencionada no texto como ponto de destaque na administração de Covas. O editorialista avalia o prefeito em (9a) e (9b), realizando assim um Julgamento de estima social positivo de capacidade em relação ao comportamento de Covas diante dos desafios trazidos pela pandemia.

Ao fechar o texto, o editorialista utiliza o recurso de Engajamento para se antecipar a um possível contra-argumento em (9a) de que Covas estava doente; alinha-se ao leitor para, em seguida, apresentar um argumento válido, fechando o espaço dialógico. Em (9b), o autor abre o espaço e reconhece de forma clara o lugar da voz autoral com relação à adesão às medidas sanitárias durante a gestão de seu governo. Para contrapor, fecha o espaço dialógico em (9c) distanciando a imagem de seu candidato da forma como o então presidente da república conduzia a pandemia. Em (9d), o editorialista mantém o espaço dialógico fechado para apresentar como altamente confiável a avaliação administrativa positiva do então prefeito. Ao finalizar o parágrafo, o autor abre o espaço dialógico para apresentar como uma possibilidade a recondução de seu candidato ao cargo, ou seja, em seu papel de reforçar a posição do veículo de comunicação no final do texto, o editorialista disfarçadamente comanda em (9e): Reconda Covas ao cargo, ou seja, “Covas deve ser reconduzido ao cargo.”

Por fim, na perspectiva dialógica, o editorialista toca num ponto que não poderia ficar de fora: a doença que Covas enfrentava durante o período de sua gestão. A ideia é contestada pela voz citada em (9a) de que a doença interferiria na governança. Prosseguindo, abre o espaço dialógico para recorrer ao fato de a administração Covas ser pautada por especialistas durante a pandemia (9b). Fecha o espaço para desassociar Covas da forma como o presidente de república conduziu a pandemia (9c). Instado a opinar sobre a administração de Bruno Covas, o editorialista aproveita sua voz autoral e altamente confiável para direcionar seus leitores e confirmar as expectativas de que o governo Bruno Covas foi aceitavelmente positivo. Para finalizar o texto, o autor abre o espaço dialógico para acolher a voz autoral (9d) do veículo jornalístico e que foi direcionada aos leitores, de forma disfarçada, recomendando a recondução de Covas ao cargo.

O uso da ferramenta de análise Sistema de Avaliatividade permitiu-nos identificar no Editorial escolhido os tipos de avaliações ali contidas, de onde partiram e a quem foram dirigidas a fim de compreender a relação entre capitalistas, representados por meio

da editoria do Jornal *Estadão* e a sociedade paulistana na escolha do administrador da cidade. Parte-se do contexto de cultura representando pela maior e mais rica cidade brasileira, conhecida ainda por manter as velhas oligarquias, sendo estes também componentes do contexto de situação: segundo turno das eleições para prefeito de São Paulo (campo), velha oligarquia e uma população conservadora e que nos últimos anos se vê às voltas de “fantasmas” do comunismo ou de uma “venezuelização” (participantes) e de um texto altamente persuasivo em relação aos “fantasmas” da esquerda (modo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a construção de sentidos do editorialista a partir de suas escolhas léxico-gramaticais no nível da semântica discursiva no editorial *Não é hora para aventuras*, não podemos deixar de recordar Bakhtin (1997), ao afirmar que todo enunciado existe em meio a um contexto em que opiniões, julgamentos, pontos de vista contraditórios co-existem/interagem. Para analisar os enunciados do editorial em questão, recorreremos ao Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005) e seu Subsistemas de Atitude, responsável pelas avaliações positivas e negativas (da emoção, da ética e da estética) e seu Subsistema de Engajamento, que nos aponta em que medida os autores concordam, discordam, são neutros ou não acerca dos enunciados prévios e como eles se antecipam a respostas de leitores putativos em relação às posições representadas no texto.

Há, discursivamente, “por trás” do editorial uma gama de amedrontamentos sociais referentes a partidos de esquerda no Brasil retratados como senso comum. Por meio das vozes autorais e citadas no texto, reflete-se que os partidos de esquerda propõem um programa revolucionário com mudanças radicais no modelo econômico vigente; que aqueles que defendem os movimentos sociais como os sem-teto são agitadores; que a implementação de tarifa zero para estudantes no transporte público atingirá a vida dos mais ricos; que o enfrentamento das desigualdades sociais passa, necessariamente, por irresponsabilidade fiscal; que um candidato que nunca exerceu cargo público não pode governar uma metrópole; e que não há diferença entre os partidos de esquerda.

Na realidade concebida pelo texto, Bruno Covas é o jovem prefeito testado, com experiência e com os pés no chão e aprovado por ter enfrentado a pandemia, e por ter ouvido os especialistas e ter ficado alheio ao presidente da república; aquele que teve a oportunidade de mostrar essas qualidades; aquele em que as pesquisas o colocam na

liderança e que venceu em todas as regiões da cidade; aquele cujo governo vem sendo bem avaliado e que administra uma metrópole com compromisso, moderação, responsabilidade fiscal e que deve ser reconduzido. Guilherme Boulos, por sua vez, é o amadurecido jovem postulante, nome forte da esquerda, inexperiente na administração pública, cujo partido possui um programa revolucionário que propõe mudanças no modelo econômico, como a tarifa zero no transporte público para estudantes; que mudou o figurino de líder dos sem-teto para viabilizar sua candidatura; cujo papel nas eleições para prefeito no domingo seguinte à publicação do editorial é o de despontar como líder da esquerda em disputas futuras. A forma como o texto naturaliza a realidade criada contribui para omitir outras realidades como o fato de outros prefeitos de esquerda já terem administrado São Paulo: Luíza Erundina (1989/1993 — PT), Marta Suplicy (2001/2005 — PT) e Fernando Haddad (2013/2017 — PT), uma vez que o editorialista não difere PT de PSOL, mas faz questão de diferenciar o partido de Brunos Covas, PSDB, do partido do presidente da pública, PL, na condução da pandemia. Bem como a omissão de que a “mudança imprudente do modelo econômico” não depende apenas da “caneta” do prefeito, há de se levar em conta, minimamente, uma maioria na Câmara para garantir aprovação ou considerar que essa “mudança de um modelo econômico” seria apenas no âmbito municipal.

Interessou-nos as escolhas avaliativas realizadas no editorial, suas respectivas fontes e a forma como o escritor envolve seu leitor em relação ao que está sob avaliação. Prontamente no primeiro parágrafo, o editorialista deixa clara a “recomendação” do veículo jornalístico para que seus leitores votem em Bruno Covas, embora reconheça no último parágrafo que o prefeito “deixa um balanço razoavelmente positivo” de sua administração, o que nos leva a depreender que a elite paulista, por meio do veículo jornalístico, apresenta a sua avaliação (superior) sobre a governança da cidade.

Tendo declaradamente recomendado seu candidato, é natural que a editoria do jornal avalie positivamente seu escolhido; entretanto, ao fazer isso, indiretamente também avalia o preterido. Já quando avalia o oponente, mantém-se neutro ou se distancia, recorrendo a vozes externas altamente avaliativas, alertando seus leitores para o que consta do programa de seu partido, interpretando o que as “urnas” disseram em eleições passadas e principalmente ajudando seus leitores na construção de cenários hipotéticos

em que a cidade do porte de São Paulo esteja sendo administrada por um candidato sem experiência e ligado a um partido que pretende superar a “ordem capitalista”.

Ao fazer uso dos recursos do Engajamento, o editorialista trava um diálogo com representações ou pontos de vista não tão potencialmente diferentes do que defende seus leitores, considerando-se seu perfil. A disposição do escritor é, portanto, a de negociar com leitores em potencial que possuem uma visão diferente. Embora o perfil dos leitores do *Estadão* seja composto de 50% das classes A e B, o que pode levar a acreditar que essa parcela votaria na manutenção hegemônica, ocorre que não se pode desconsiderar que o PSOL e Boulos têm ascendido em São Paulo, chegando a eleger em 2020 seis vereadores (alcançado a terceira maior bancada). Por conseguinte, isso representa uma certa ameaça no momento em que a esquerda tradicional, o PT, estava em baixa e tendo como base a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva e a ascensão da extrema direita na presidência da república.

Com relação ao editorial, devemos considerar a defesa de Martin e White (2005, p. 229) de que o texto projeta ou antecipa para si um público leitor que não se opõe fortemente à proposições relacionadas à defesa que o jornal faz da candidatura de Covas, sem a necessidade de serem persuadidos por novos pontos de vistas, mas sim apenas para reunir argumentos de apoio ao posicionamento que eles já possuem; do contrário, segundo os autores, seria necessário o uso de recursos heteroglóssicos expansivos na argumentação a favor de Covas. Foram empregados muitos recursos heteroglóssicos de expansão por acolhimento, por probabilidade, por atribuição, por distanciamento na argumentação que envolve Guilherme Boulos, com maior quantidade de avaliações negativas.

Dentre os recursos do Engajamento de contração dialógica mais usados no texto estão a contração: refutação: negação (em relação ao candidato Guilherme Boulos), a fim de que o leitor putativo e desalinhado rejeite a alternativa (positiva). Outro expediente utilizado é a contração: ratificação: endosso (em relação a Bruno Covas), somado ao papel institucional do editorialista como fonte confiável. Com relação à expansão dialógica, os mecanismos mais usados no texto foram expansão: acolhimento: probabilidade e expansão: atribuição: distanciamento, ambos para o Boulos. O primeiro possibilitou que o editorialista permanecesse neutro, pois as avaliações contidas nos enunciados ficaram a cargo da imaginação do leitor em criar certos cenários; em seguida, em menor

quantidade, o autor se manteve distante das avaliações, cujas próprias fontes de referências passaram a ser responsáveis pelas informações fornecidas.

Com essas reflexões, não pretendemos esgotar o assunto, pois o estudo deixa em aberto a possibilidade de novas análises, inclusive fazendo uso de todo do Sistema de Avaliatividade e a oportunidade de analisar os cruzamentos de vozes avaliativas. Essa observação viabilizará uma investigação mais ampla, objeto de outros estudos no campo da metafunção interpessoal.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALOCCO, Ana E. O sistema do engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (orgs) *A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 41-55, 2010.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmet, 2006.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATHIESSEN, Christian. *An Introduction to Functional Grammar*. 4th ed. London, New York: Arnold, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2018.

MARTIN, Jim. R. Beyond Exchange: appraisal systems in English. In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). *Evaluation in text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MARTIN, James. R.; WHITE, Peter. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MOITA LOPES, Luis P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NININ, Maria Otília G.; BARBARA, Leila. *Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras*. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 52, n. 1, p. 127 - 146, jan./jun. 2013.

NÓBREGA, Adriana N. A. *Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociossemiótica*. Rio de Janeiro. 244f. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

O ESTADO DE S. PAULO. *Quem somos*. [S. l.], Site com conteúdo institucional. Disponível em <http://patrocinados.estadao.com.br/medialab/about-me/>. Acesso em: 23 out. 2023.

OTEÍZA, Teresa. The appraisal framework and discourse analysis. In: *The Routledge Handbook of Systemic Functional Linguistics*. pp. 457-472. Chapter 28. Editors Tom Bartlett and Gerard O'Grady. Jan. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313553051_The_appraisal_framework_and_discourse_analysis. Acesso em: 24 nov. 2022.

VIAN JR., Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

VIAN JR., Orlando. Linguística Sistêmico-Funcional, Linguística Aplicada e Linguística Educacional. In: MOITA LOPES, L. P. *Linguística Aplicada na Modernidade Recente: festschrift para Antonieta Celani*, p. 99-121. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson A.; ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. (orgs) *A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 230p.

WHITE, Peter R. R. Valoração. A Linguagem da Avaliação e da Perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 177-205, 2004.

Recebido em: 23/08/2023

Aceito em: 25/10/2023

Hercules Santos da Silva: Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos de Língua (PPG em Letras/UERJ), Rio de Janeiro; Mestre em Língua Portuguesa (PPG em Letras/UERJ), Especialista em Língua Portuguesa pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro; Licenciado em Letras pelo Centro Universitário Celso Lisboa, Rio de Janeiro. Docente na Rede estadual do ensino do Rio de Janeiro. Integrante dos Grupos de Pesquisas GESD–Grupo de Estudos em Sistêmica e Discurso –UERJ, e do ASFAD —Análise Sistêmico-Funcional e Avaliação do Discurso–PUC-Rio.

“Não é hora para aventuras”: análise de um editorial sob o viés do Sistema de Avaliatividade em seus subsistemas de Atitude e Engajamento

Mara Regina de Almeida Griffo: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL/PUC-Rio). Professora de língua inglesa em rede privada de ensino.